

A INVESTIGAÇÃO, A FORMAÇÃO, AS POLÍTICAS E AS PRÁTICAS EM EDUCAÇÃO

30 anos de AFIRSE em Portugal

La recherche, la formation, les politiques
et les pratiques en éducation.
30 ans d'AFIRSE au Portugal

Organizadores

João Pinhal
Carmen Cavaco
Maria João Cardona
Fernando Albuquerque Costa
Joana Marques
Ana Rita Faria



2019

A investigação, a formação, as políticas e as práticas em educação – 30 anos de AFIRSE em Portugal

La recherche, la formation, les politiques
et les pratiques en éducation –
30 ans d'AFIRSE au Portugal

Organizadores

João Pinhal
Carmen Cavaco
Maria João Cardona
Fernando Albuquerque Costa
Joana Marques
Ana Rita Faria



2019

ATAS DO XXV COLÓQUIO DA AFIRSE PORTUGAL
Instituto de Educação da Universidade de Lisboa
1, 2 e 3 de fevereiro de 2018
LISBOA

APRENDER COMPETÊNCIAS DAS EXPRESSÕES NAS ASSOCIAÇÕES LOCAIS - ATIVIDADES PARA TOD@S? .434	
O ENSINO DAS EXPRESSÕES NOS PRIMEIROS ANOS DA ESCOLARIDADE NA PERSPETIVA DO EDUCADOR/PROFESSOR	445
AUTOFORMAÇÃO DE FORMADORES NAS DIMENSÕES EMOCIONAIS E ÉTICAS - UM SELF-STUDY.....	457
EDUCAÇÃO, FORMAÇÃO DOCENTE E POLÍTICAS SOCIAIS: ENRELACES E DESAFIOS.....	468
ESTUDANTES DOS PALOP NO ENSINO SUPERIOR EM PORTUGAL: O QUE NOS REVELA A INVESTIGAÇÃO.	475
INVESTIGAR A FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES - MODELOS, CONTEÚDOS E DESAFIOS	484
A IMPORTÂNCIA DO USO DAS TIC NA ESCOLA NA FORMAÇÃO DE UMA CIDADANIA ESPACIAL.....	493
A PRÁTICA PEDAGÓGICA DO DIÁLOGO RESTAURATIVO NA ESCOLA	509
PROFESSORES DE LIBRAS – LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS: IDENTIDADES E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS	519
A ESCOLA CONFSSIONAL NO BRASIL E EM PORTUGAL - O DESAFIO DO DESENVOLVIMENTO DE VALORES NA EDUCAÇÃO	526
NOVA METODOLOGIA PARA O ENSINO DA MATEMÁTICA: ESTUDO EXPLORATÓRIO	533
A EDUCAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO FORMAL	544
PRÁXIS, VIOLÊNCIA E GESTÃO DA EDUCAÇÃO NA CONTEMPORANEIDADE: RUMO À POSSIBILIDADE DE SUA SUPERAÇÃO.....	554
A IMPORTÂNCIA DAS VIRTUDES MORAIS PARA A FORMAÇÃO AUTÔNOMA DO INDIVÍDUO	565
A EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS ENQUANTO COMPONENTE CURRICULAR DOS CURSOS DE GRADUAÇÃO: UMA CONTRIBUIÇÃO PARA A FORMAÇÃO INTEGRAL.....	574
EDUCAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL (EDS) E AS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO (TIC) PARA CONCEPÇÃO DE UM GAME DIGITAL – O ECO2FS.....	583
EDUCAÇÃO BRASILEIRA: DUAS DÉCADAS DE LUTA NA CONSTRUÇÃO DE UM PLANO NACIONAL DE EDUCAÇÃO	593
NOVAS APRENDIZAGENS PARA NOVOS CONTEXTOS DE TRABALHO: O CASO DO VPL – VALIDAÇÃO DE CONHECIMENTOS PRÉVIOS	604
A INSERÇÃO PROFISSIONAL DE LICENCIADOS EM MÚSICA: UM ESTUDO SOBRE EGRESSOS DE INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR DO ESTADO DO PARANÁ.....	617
A GESTÃO DE COLEGIADO DE CURSOS DE LICENCIATURA EM UMA INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR MULTICAMPI, PELO OLHAR DOS SEUS COORDENADORES	627
A USABILIDADE EM PLATAFORMA DIGITAL E SUAS RELAÇÕES COM OS PROCESSOS DE CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO NA ÁREA DA EDUCAÇÃO, POBREZA E DESIGUALDADE SOCIAL.....	637
EDUCAÇÃO E NOVAS TECNOLOGIAS: FERRAMENTAS PEDAGÓGICAS DIGITAIS COMO RECURSOS POTENCIALIZADORES DOS PROCESSOS DE MEDIAÇÕES DIDÁTICAS	648

O ENSINO DAS EXPRESSÕES NOS PRIMEIROS ANOS DA ESCOLARIDADE NA PERSPETIVA DO EDUCADOR/PROFESSOR

[ID 330]

Joana Macedo MARTINS

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade dos Açores, Portugal

Isabel Cabrita CONDESSA

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade dos Açores, Portugal

Centro de Investigação em Estudos da Criança, Universidade do Minho, Portugal

Resumo: Com esta comunicação pretendemos destacar a área das expressões na Educação Pré-Escolar e no 1.º Ciclo do Ensino Básico, por serem áreas integradoras e versáteis, que proporcionam variadas oportunidades para a criança se expressar, comunicar, brincar. Toda a criança está repleta de impulsos e cabe ao docente potenciar momentos, permitindo à criança exprimir o seu mundo interior. Deste modo, tivemos como propósito corroborar as perspetivas de educadores de infância e professores do 1.º ciclo relativamente às potencialidades das expressões para a prática de ensino.

Contámos com uma amostra de conveniência de seis profissionais de educação e, através dos resultados de uma entrevista semi-estruturada, averiguámos junto de cada docente, que lecionava em monodocência, as suas perspetivas. Foi realizada uma análise de conteúdo das respostas às entrevistas, o que nos possibilitou ver a sua posição em várias dimensões: 1. Potencialidades/ importância das expressões no desenvolvimento da criança; 2. Condições de implementação das expressões na escola; 3. Implementação e uso das expressões no currículo; 4. Desenvolvimento profissional e ensino das expressões; 5. Expressões e comunicação em sala de aula; 6. Influência do espaço na aprendizagem da criança nas expressões; 7. Divergências entre o ensino das expressões no pré-escolar e 1.º ciclo.

Tendo em conta os testemunhos dos participantes do nosso estudo concluímos que, por vezes, o maior obstáculo à implementação destas áreas prende-se com a falta de tempo e de material, a dificuldade sentida ao fazer-se interdisciplinaridade, a falta de formação e de conhecimento nos conteúdos/ atividades/ estratégias específicas das Expressões. As dificuldades devido a limitações de espaço, em particular, a ausência e/ou inadequação dos espaços para o desenvolvimento das práticas que estas áreas suscitam foi outro dos pontos desfavoráveis apontados.

Palavras-chave: Expressões Artísticas, Comunicação, Educação Pré-Escolar, Ensino do 1.º Ciclo, Testemunhos de Profissionais.

A (DES)VALORIZAÇÃO DO ENSINO DAS EXPRESSÕES NA EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR E NO 1.º CICLO DO ENSINO BÁSICO

Tendo em conta as diversas realidades e contextos a que cada escola está inerente, cabe aos docentes gerirem o currículo de modo eficaz, conduzindo a uma educação de qualidade que responda às necessidades de todos, atendendo a cada um, por si só. Embora o ensino das expressões artísticas e fídico-motoras seja preconizado pelo Sistema Educativo, e considerado fundamental na educação da criança, continuam a existir profissionais que se mostram reticentes no seu uso e pouco sensibilizados quanto às potencialidades dessas áreas.

A introdução do conceito expressivo na Educação, por mais disperso que a princípio pareça ser, preconiza a construção de conhecimento, através de um processo ensino-aprendizagem mediado por recursos expressivos que leva o indivíduo a aprender, a saber pensar, criar, inovar, construir conhecimentos, participar activamente no seu próprio crescimento, sempre orientado pela sua experiência, de seus pares e dos facilitadores do processo conhecimento – os Educadores Expressivos (Ferraz & Dalmann, 2011, p. 44).

Neste sentido, é fundamental que o professor propicie

«(..) situações, experiências e aprendizagens orientadas de forma integrada e que possam contribuir para o desenvolvimento biopsicossocial do indivíduo através do trabalho com mediadores expressivos, tais como a expressão artística, ritualística, sensorial, plástica, dramática, lúdica, musical, entre muitos outros» (*ibidem*, p. 44).

No relatório da UNESCO (2006, p. 6) podemos ler que «Todos os seres humanos têm potencial criativo. A arte proporciona uma envolvente e uma prática incomparáveis, em que o educando participa activamente em experiências, processos e desenvolvimentos criativos» (...) a educação na arte e pela arte estimula o desenvolvimento cognitivo e pode tornar aquilo que os educandos aprendem e a forma como aprendem, mais relevante face às necessidades das sociedades modernas em que vivem. (...) Como um dos objectivos é dar a todos iguais oportunidades de actividade cultural e artística, é necessário que a educação artística constitua uma parte obrigatória dos programas de educação para todos.

Contudo, para Martins (2013, p.28) a escola atual ainda continua a privilegiar uma aprendizagem baseada na leitura e nos números, deixando de parte o ensino das Expressões, que continuam muitas vezes desvalorizadas e ausentes do contexto escolar. Corroborando a mesma ideia, Bucho (2011, p. 32) diz-nos que «As actividades lúdicas e artísticas são afastadas do dia-a-dia escolar, em detrimento de actividades mais da era da ciência, das línguas, do digital e do convencional». Por norma, as actividades artísticas aparecem ligadas como um complemento das outras áreas do saber ou para preenchimento de «tempos mortos». É considerável a discrepância que existe no uso das áreas de Expressões observada entre a educação Pré-escolar e o ensino do 1.º Ciclo. Enquanto que nas suas rotinas diárias os educadores recorrem significativamente às expressões no desenrolar das suas práticas, os professores do 1.º ciclo apenas o fazem periodicamente em épocas festivas e secundarizam esta área disciplina.

É notável a persistente recusa de que a educação pelas artes e desporto podem ser uma mais-valia no processo de ensino/aprendizagem e um meio através do qual a criança se expressa e comunica com o mundo que a rodeia. De acordo com Ferraz e Dalmann (2011, p. 45) “Ao defender que a Educação Expressiva, deve ser, integrada nos currículos pedagógicos” alertam para a importância de se despertar “capacidades actualmente marginalizadas e menosprezadas”, como a inteligência emocional, a sensibilidade, a afectividade, a empatia, entre tantas outras procurando a integração e o desenvolvimento pleno das capacidades humanas, registando que “somente quando exploramos

outras formas de comunicação, expressão e interação, intrapessoal e interpessoal, é que levamos o expressante [aluno] a esse novo patamar consciencial”.

Deste modo, parece-nos importante apurar como o Sistema Educativo augura o desenvolvimento destas áreas com o que, efetivamente, acontece nas escolas de hoje, confrontar o porquê das áreas de Expressão, como a música, a dança, o drama, a plástica e a físico-motora, passarem como áreas do currículo ainda pouco “valorizadas” por muitos educadores/professores. Assim, o nosso intuito é confirmar uma hipótese anteriormente formada, ou seja, verificar o nível de importância dado por diferentes profissionais à área das Expressões, empiricamente sentidas como significativamente valorizadas no Pré-escolar e desvalorizadas no 1.º Ciclo.

A educação expressiva integrada nas orientações curriculares/programa

Na educação pré-escolar, em particular, os educadores não têm, propriamente, que obedecer a um currículo definido, como acontece nos restantes níveis de ensino. É dada a autonomia e flexibilidade, aos educadores, para “desenharem” e organizarem os seus próprios projetos, tendo em conta os interesses e necessidades das crianças, das famílias, em geral, do contexto. Comprove-se o exposto com o seguinte excerto da Lei-Quadro n.º5/97, de 10 de fevereiro: «A frequência da educação pré-escolar é facultativa, no reconhecimento de que cabe, primeiramente, à família a educação dos filhos, competindo, porém, ao Estado contribuir activamente para a universalização da oferta da educação pré-escolar (...)». No entanto, o Ministério da Educação elaborou um documento, muito utilizado como orientação, designado de *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Documento este que se baseia «(...) nos objetivos globais pedagógicos definidos pela referida Lei e destinam-se a apoiar a construção e gestão do currículo no jardim de infância, da responsabilidade de cada educador/a, em colaboração com a equipa educativa do estabelecimento educativo/agrupamento de escolas.constitui» (Ministério da Educação, 2016, p. 5). No documento anteriormente mencionado

A Área de Expressão e Comunicação é a única em que se distinguem diferentes domínios, que se incluem na mesma área por terem uma íntima relação entre si, por constituírem formas de linguagem indispensáveis para a criança interagir com os outros, exprimir os seus pensamentos e emoções de forma própria e criativa, dar sentido e representar o mundo que a rodeia. (...). Os domínios que fazem parte da área de Expressão e Comunicação são os seguintes: Domínio da Educação Física, que privilegia uma abordagem global não especificando componentes. Domínio da Educação Artística, que, tendo perspetivas e estratégias comuns, engloba diferentes linguagens, cuja especificidade determina a introdução de quatro subdomínios: artes visuais, jogo dramático/teatro, música e dança. (Ministério da Educação, 2016, p. 43).

Tendo em conta a natureza desta comunicação e os objetivos subjacentes, enfatizar-se-á as áreas das Expressões, não descurando nem relativizando as restantes áreas do saber.

Além de «A educação pré-escolar [ser] a primeira etapa da educação básica no processo de educação ao longo da vida (...)», de acordo com o princípio geral do artigo 1.º da Lei-Quadro n.º 5/97, de 10 de fevereiro, esta deve ser uma etapa integrada e articulada numa perspetiva de continuidade com os outros ciclos do sistema educativo. A etapa inicial, a educação pré-escolar, surge como uma preparação base para a criança aprofundar e completar as aprendizagens nos anos seguintes, ou seja, é nesta fase que se criam condições necessárias para que as crianças ganhem gosto por aprender.

Relativamente ao 1.º Ciclo do Ensino Básico, a Lei n.º 49/2005, de 30 de agosto, refere a universalidade, a obrigatoriedade e gratuidade da frequência das crianças na escola, tendo como exemplo um dos vários princípios: «Assegurar uma formação geral comum a todos os portugueses que lhes garanta a descoberta e o desenvolvimento dos seus interesses e aptidões, capacidade de raciocínio, memória e espírito crítico, criatividade, sentido moral e sensibilidade estética, promovendo a realização individual em harmonia com os valores da solidariedade social» (*ibidem*, artigo 7.º, alínea a)).

O 1.º ciclo mesmo obedece a uma estrutura curricular sustentada por vários documentos, entre eles um programas que focaliza as finalidades, objetivos e conteúdos a desenvolver nas quatro áreas das expressões: *Expressão e Educação Físico-Motora (que integra a dança)*, *Expressão Musical*, *Expressão Dramática e Expressão Visual e Plástica*.

A expressão e comunicação na sala de aula – (dis)sintonias no ensino

Desde o nascimento que exprimimos necessidades e experimentamos sentimentos que interpretamos como agradáveis ou desagradáveis. A partir dessas experiências de vida, construímos uma percepção acerca de nós próprios e, também dos outros. (...) essa percepção influencia o nosso comportamento, as nossas atitudes e condiciona o modo como pensamos, agimos e sentimos aquilo que nos rodeia (Vieira, 2005, p. 27).

Ao iniciar a educação pré-escolar a criança já esteve em contato com outros contextos, outros ambientes, tendo oportunidade de construir algumas aquisições básicas, de modo a representar o mundo que a rodeia e o seu interior.

Todo o ser humano é expressivo e não há comunicação sem expressão. Assim, estes dois conceitos não se podem dissociar. «A pessoa está, portanto, repleta de instintos, de influxos, de impulsos, de tensões, de desejos, de emoções e de sentimentos, necessitando de os satisfazer e de os expandir livremente. Ao proporcionar-se-lhe os meios para que o possa fazer e a motivação que permita ultrapassar a natural situação inibitória inicial, é como que se abraisse uma válvula de escape para a saída de tudo aquilo que se acumula no mais íntimo do ser. A exteriorização de toda a vida interior, ou seja, a Expressão» (Sousa, 2003, p. 183).

A criança expressa-se pelo simples prazer que isso lhe dá, sem atribuir qualquer intenção ou juízo de valor. Por isso, as atividades expressivas são de inquestionável valor educativo, permitindo que a criança tenha oportunidade de exprimir o seu mundo interior. Contudo, a cada fase que a criança

passa, desenvolve mais as suas relações, a sua criatividade e a sua autonomia, facilitando ou dificultando assim o modo de se expressar e comunicar com o mundo. Ao adulto, educador ou professor, cabe a função de preparar os contextos e ambientes de aprendizagem para o ajudar a expressar e desinibir. Quanto mais promotor de atividades expressivas, e comunicativas for o ambiente de sala de aula, maior facilidade a criança tem de se exprimir nas diferentes linguagens, inclusive nas artísticas.

Por sua vez, comunicação é um conceito vasto, não passível de uma só definição, ou seja, tem interpretações diversas. No entanto, comunicar é estabelecer um contato com o outro, é transmitir uma mensagem, trocar informação. Zabalza (1994, p. 193), seguindo a mesma linha de Shramm, declara que «A própria etimologia do termo “comunicação” remete-nos para a ideia de “união”, entrar em contacto. Assim, quando comunicamos estamos «tratando de estabelecer uma comunidade com alguém: tratarmos de partilhar uma informação, uma ideia ou uma atitude».

Já na perspetiva de Balanguer (1994), citado por Dias (2009, p. 20),

Comunicar implica uma troca, um pôr em comum. A comunicação não é apenas um processo de transmissão de informação, um intercâmbio de ideias, uma interacção entre dois ou mais indivíduos que está sujeita a múltiplas influências, mas sim (e também) um processo pelo qual fazemos do(s) outro(s) participante(s) dos nossos pensamentos, sentimentos, acções, seja de forma voluntária ou involuntária. É o meio pelo qual dois ou mais intervenientes produzem e interpretam significados e, de certa forma, constroem e põem em comum um entendimento recíproco. É através do acto da troca recíproca de informações que revelamos aos outros as nossas ideias e saberes, os nossos sentimentos e atitudes, os nossos medos e anseios.

Morgado (2001, pp. 35-36) afirma que «A eficácia da relação pedagógica depende obviamente da natureza e coerência da *comunicação* em sala de aula. Assim, a forma como o professor comunica, organiza e gere a comunicação na sala de aula assume um papel nuclear na gestão eficaz da relação pedagógica». «O apoio do/a educador/a passa por um diálogo aberto e construtivo, que incentiva a criança a encontrar formas criativas de representar aquilo que pretende e promove simultaneamente o desejo de aperfeiçoar e melhorar» (Ministério da Educação, 2016, p. 48).

A parte inconsciente da nossa expressão quando comunicamos pode ser usada para clarificar a nossa mensagem. Através do tom de fala, de um sorriso, de um franzir de testa ou de um acenar positivo com a cabeça, o outro percebe e reconhece o sentido da nossa comunicação. Na sala de aula, «(...) um professor que tenha consciência do modo como se percepção a si próprio e aos outros, e saiba reconhecer as suas atitudes e comportamentos pode, com alguma facilidade, controlar o ambiente da sala de aula» (Vieira & Vieira, 2005, p. 13). O mesmo autor acrescenta que um professor que fomente o «processo de *feedback* pode facilitar a comunicação interpessoal, na medida em que favorece a construção da auto-estima e o envolvimento dos alunos nas tarefas» (*ibidem*, p. 14).

Ao se analisar o modo como os profissionais de educação atuam e perspetivam o ensino das expressões, enquanto formas de linguagem e comunicação nos diferentes espaços da escola,

mostramos estar atentos à falta de alguma simetria que se verifique no seu ensino, quer na infância, quer na educação básica.

Métodos e Procedimentos

Considerámos importante realizar uma análise detalhada sobre percepções de educadores e professores acerca do ensino das expressões na educação, quer artística, quer físico-motoras, e das suas potencialidades quanto às oportunidades criadas para a criança se expressar e comunicar. Isto, porque acreditamos que essas concepções não só são influenciadas como interferem nas práticas realizadas em sala de aula.

Assim, delineámos alguns objetivos de estudo:

1. Perceber qual o Potencial da área das Expressões Artísticas (dramática, musical e plástica) e Físico-Motoras para o desenvolvimento integral e aprendizagem da criança
2. Ver a perspetivas dos Educadores de Infância e Professores do 1.º Ciclo relativamente às potencialidades das expressões no seu contexto de ensino

A nossa amostra foi constituída por um total de 6 profissionais de educação— 3 Educadore(a)s de Infância e 3 Professore(a)s do 1.º Ciclo, todos titulares de turma – trabalho de monodocência e com características variadas – género, idade, desenvolvimento profissional. Aqui optámos por identificar com letras do alfabeto (Educador A; B, C; Professor D, E, F).

Recorremos, como instrumento de pesquisa, a uma entrevista semi-estruturada, que apresentava o no seu guião três grupos de questões, incidindo sobre:

i. a caracterização pessoal, académica e profissional do(a)s profissionais:

- ∞ *Quais as suas habilitações académicas? Há quanto tempo exerce a profissão?*
- ∞ *Que tipo de formação possui na área das Expressões? Como a obteve e em que áreas?*
- ∞ *Com quais das áreas das Expressões se identifica “mais” e “menos”? Porquê?*
- ∞ *Reconhece que o facto de gostar mais ou menos de uma área influencia a sua prática?*
- ∞ *Que dificuldade sente aquando do momento da aula dedicado às áreas de Expressões?*

ii a análise da importância das expressões

- ∞ *No que concerne às áreas das Expressões, em que medida encara essas áreas importantes para o desenvolvimento e aprendizagem da criança?*
- ∞ *Considera as áreas das Expressões integradoras/contributárias às restantes áreas? Quais e como?*

iii. as práticas e perspetivas dos profissionais sobre o ensino das expressões no seu contexto.

- ∞ *Com que frequência desenvolve, semanalmente, cada uma das áreas (dramática, plástica, motora, musical)?*
- ∞ *Costuma utilizar a área das Expressões como meio interdisciplinar na abordagem dos conteúdos de outras áreas (Português, Matemática, Estudo do Meio, Conhecimento do Mundo, etc.)? Se sim, dê um exemplo.*
- ∞ *Para si, quais os aspetos fundamentais para uma boa comunicação na sala de aula?*
- ∞ *Na sua opinião, a organização dos espaços tem influência na aprendizagem das crianças? Porquê?*
- ∞ *Sente necessidade de ajustar o espaço para melhor desenvolvimento das atividades relativas à área das Expressões? Que limitações sente e como as soluciona?*
- ∞ *Na sua opinião, acha que a monodocência favorece ou dificulta o ensino das Expressões? Porquê?*
- ∞ *Na sua opinião, o que caracteriza um bom educador/professor?*
- ∞ *Tendo em conta a sua experiência e o contato com colegas, para si, quais as maiores divergências entre a Educação Pré-Escolar e o 1.º Ciclo do Ensino Básico?*

As respostas dos educadores/professores foram submetidas a uma análise de conteúdo, que posteriormente deu origem a sete dimensões.

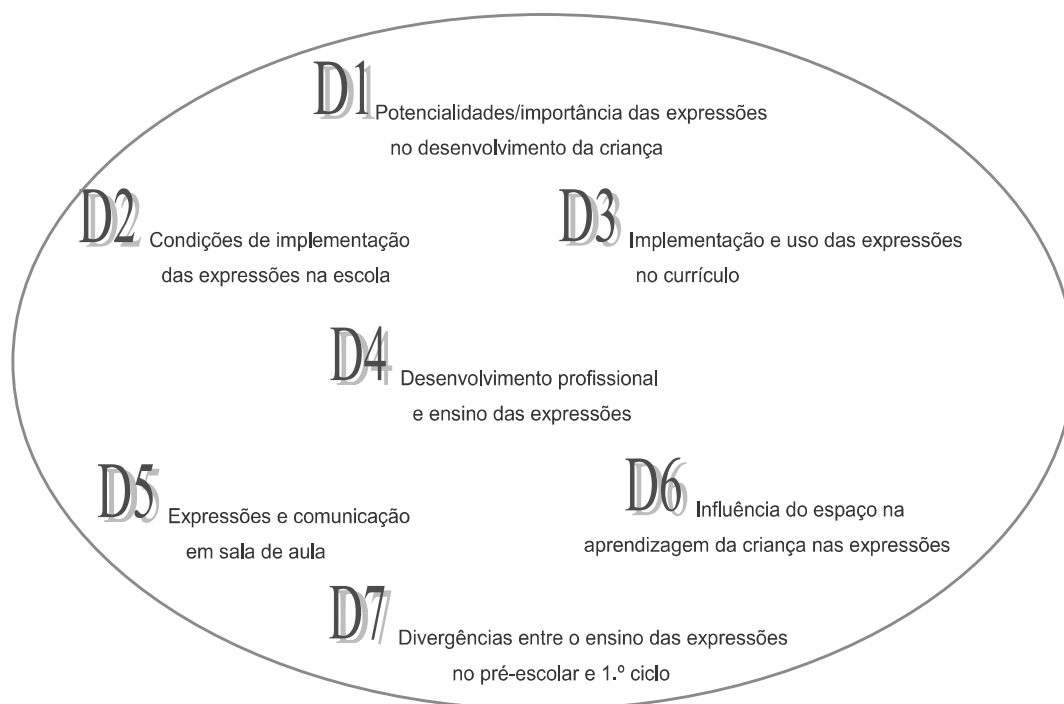


Figura 1 - Dimensões de Análise

Fruto do discurso dos profissionais, em cada uma destas dimensões, deixámos clarificadas as suas perspetivas quanto ao enquadramento das expressões no seu nível de ensino.

Resultados e Discussão

A partir da análise das respostas dadas pelos educadores e professores, encontrámos variadas (dis)semelhanças de opinião e práticas, anotadas em alguns dos testemunhos deixados, que iremos apresentar de seguida para cada uma das dimensões de análise.

Os educadores/ professores não só reconhecem o valor e as potencialidades das expressões, achando-as contributórias e enriquecedoras, tanto no desenvolvimento equilibrado e multidimensional da criança, como nas capacidades de aprendizagem e comunicação. Para estes profissionais

“... são áreas indispensáveis a vários níveis. No desenvolvimento social, pessoal, afetivo...Influenciam o modo como se aprende, como se comunica e como se vive o dia a dia” (Educador A)

“...são áreas potenciadoras do desenvolvimento equilibrado e harmonioso da criança. Desenvolvem a atenção e concentração, a destreza físico-motora, proporcionam momentos lúdicos ...” (Professor F).

Seara & Silva (2009) referem que «Com a Lei de Bases do Sistema Educativo (1986), constituiu-se um quadro de referência para o ensino artístico, nomeadamente através da implementação de linhas orientadoras. A importância atribuída à educação e à expressão artística vem salientar o papel fundamental que estas desempenham no desenvolvimento e formação integral da criança,

especialmente no aperfeiçoamento das suas capacidades afectivas, lúdicas, expressivas, cognitivas, entre outras» (p. 152).

Por outro lado, também registámos que foi enaltecida a sua relevância quanto à possibilidade de articulação vantajosa com as demais áreas do currículo.

“Logo, é claro que posso concluir que as Expressões contribuem para trabalhar as outras áreas mas, com uma grande vantagem, estimula e motiva muito mais os alunos” (Educador B).

No que refere às condições de implementação das expressões na escola sua escolas, são apresentadas duas situações negativas para o trabalho das expressões com as crianças: a quantidade e variedade dos recursos materiais e as características do espaço.

Foi referido pelos entrevistados que

“Muitas vezes ... com as mesas e as cadeiras fica muito complicado, porque as crianças não têm espaço para circular, e aí eu utilizo outra sala, ou afasto as mesas, depende da atividade.” (Educador B)

“As salas por vezes são pequenas para o desenvolvimento dessas áreas. Procuo reorganizar o material e o mobiliário da sala de acordo com a área que vou realizar” (Professor D).

Normalmente o espaço reduzido e cheio de mobiliário, a falta de recursos nas escolas “... criam na globalidade “contextos desfavorecidos” que constroem o tipo de trabalho a realizar com as crianças» (Condessa, 2006, p.15), condicionam as atividades e o tipo de comunicação.

Quanto à implementação das expressões no currículo, registamos que no 1.º ciclo não utilizam a área das expressões artísticas tanto quanto gostariam devido à sobrecarga programática para outras áreas de aprendizagens, conforme nos dizem:

“ Ah! Elas estão no horário uma vez por semana em 45 minutos, mas muitas vezes não consigo cumprir.”(Professor D),

“Às vezes quando me atraso nas outras áreas, ocupo o tempo das expressões para adiantar serviço (...)”. (Professor F).

Registamos que são os educadores quem mais usa esta área para a interdisciplinaridade, que segundo Pombo (1994) deve respeitar um “... desejo de uma prática de ensino que aponte no sentido da articulação e do cruzamento dos saberes disciplinares”(p. 6).

Mesmo assim, conseguimos alguns testemunhos deste tipo de práticas no 1.ºciclo, embora com maior reforço para a aquisição das áreas curriculares de eleição, como se pode ver :nos dois testemunhos deixados:

“Quantas vezes se utiliza a expressão plástica para aprofundar conhecimentos de matemática, estudo do meio e português(...) (Professor D)

“...sempre que posso, claro, uso as expressões como meio interdisciplinar. A última vez que usei foi para trabalhar a tabuada através da música. E para o português a dramatização de textos.”(Professor E)

Sobre a qualidade do desempenho e formação profissional do educador/professor para lecionar as expressões artísticas e físico-motora, na opinião destes profissionais é que nem sempre terão a devida preparação para lecionarem algumas das áreas, conforme nos dizem:

“Talvez a área que me identifique menos seja a de expressão dramática (...) é uma atividade que requer mais preparação e trabalho... e também não tenho muito jeitinho (...)” (Educador B);

“Nos momentos de expressão musical sinto mais dificuldade, porque não tenho grande voz nem jeito para cantar” (Educador C).

Parece haver percepção de incapacidade do docente para potenciar esses momentos, sabendo-se que nem sempre, na prática, essa fragilidade é visualizada pelas crianças.

Quanto mais o ambiente for motivador e promotor de atividades expressivas, mais facilidade e desembaraço a criança sente ao se expressa pois tem aprendizagens dos domínios psicomotor e cognitivo (simbólico) que permitem conquistar diferentes linguagens e, assim, ter mais oportunidade de comunicar com os pares e os adultos. Deste modo as expressões contribuem para a comunicação em sala de aula, conforme os testemunhos deixados por um educador, que são aqueles que trabalham num espaço mais propício a esta área do currículo.

“Praticar uma comunicação aberta, ter uma relação de confiança, saber ouvir, respeitar, compreender, dialogar... (...) A criação e a organização de um ambiente educativo deve proporcionar o bem-estar, conforto e oportunidade de aprendizagens significativas e ativas. (Educador A).

A organização da sala de aula tem a ver com o clima que se quer criar e é importante no desencadeamento das aprendizagens, assim como, nas formas e oportunidades que a criança dispõe para se expressar e comunicar, pois para Zabalza (1992) “O espaço é também um contexto de significações. A distribuição e o equipamento do espaço escolar acabam por ser o cenário em que actuam as figuras das mensagens educativas» (p. 121) e este é um dos campos em que uma sala de pré-escolar mais se diferencia de uma sala de aula do 1.º ciclo.

A organização dos espaços e a interdisciplinaridade já referidas, ao lado da monodocência, são as vertentes em que para o ensino das expressões há maior divergência entre o pré-escolar e o 1.º ciclo. Para Martins (2013) através das expressões é possível abordar um tema, um conteúdo, uma situação problemática, uma atividade de forma mais criativa e apelativa à criança e por outro lado, a monodocência é uma vantagem na medida em que facilita a articulação e interdisciplinaridade entre as diversas disciplinas, é mais fácil um único professor conciliar e articular os conteúdos, flexibilizando com o tempo disponível (p.32)

Segundo o ponto de vista dos nossos entrevistados não é consensual a importância para as expressões e o seu ensino de ter uma situação de ensino e monodocência, como se pode ver:

“Eu acho que é benéfico e que favorece, porque assim existe uma maior articulação entre todas as áreas. Se fosse dado por outros docentes havia sempre quebras... eu dou isto, tu dás aquilo... e no fim, dava-se tudo em separado.” (Educador A)

“A meu ver dificulta, porque os docentes preocupam-se mais com as área de português e matemática, (...) e, por vezes, penalizamos o tempo que deveria ser dedicado às expressões. E é decerto que os professores de música e teatro estão muito melhor preparados para esse efeito. (Professor D)

“Por exemplo, quando introduzi os sólidos geométricos fizemos construções em 3D com materiais recicláveis, ou seja, servi-me da plástica para trabalhar matemática” (Professor F)

Desta forma, se caminha no sentido da valorização pessoal, da autoconfiança, e da autonomia do sujeito, proporcionando o desenvolvimento de várias competências, no sentido de conduzir a sua própria vida livremente» (Bucho, 2011, p. 28).

CONCLUSÃO

Com a análise realizada concluímos que desde cedo à educação pelas expressões deve dado o devido valor, dando oportunidade de a criança se expressar livremente e desenvolver a sua criatividade e imaginação tão importante no seu desenvolvimento e, ter um tempo próprio.

Tendo em conta as perspetivas e as práticas dos participantes, manifestadas no seu discurso, por vezes, o maior obstáculo à implementação destas áreas prende-se com a falta de bons espaços, de tempo e de material; uma dificuldade latente na gestão e flexibilização do currículo; a incapacidade de se fazer mais interdisciplinaridade, embora não devendo restringir as expressões à interdisciplinaridade com áreas de conhecimento mais tradicionais; por fim, a falta de formação por parte de educadores/ professores e, conseqüentemente de conhecimento de conteúdos sobre as expressões e de exemplos de atividades a desenvolver;

Creemos que só com a valorização efectiva das expressões pelos educadores/ professores titulares, se poderá contornar o “descrédito” e o “esquecimento” permanentes das áreas das Expressões, com vista a potenciar o máximo de experiências e vivências às crianças. Queremos assim transformar as nossas crianças em cidadãos mais ativos, que futuramente tenham uma visão mais rica e criativa da educação.

REFERÊNCIAS.

- Bucho, J. (2011). Como se aprende aprendendo. In M. Ferraz (org.). *Educação Expressiva: um novo paradigma educativo* (pp. 23-38). Venda do Pinheiro: Tuttirév Editorial.
- Condessa, I. (2006). Os Ambientes Facilitadores de Aprendizagem na Educação Física Infantil. *Revista Cínergis*, vol. 7, nº 2 (jan./jun), 9-28, Santa Cruz do Sul: UNISC.
- Dias, M. I. (2009). *Promoção de Competências em Educação*. Leiria: INDEA - Instituto de Investigação, Desenvolvimento e Estudos Avançados IPL.

- Ferraz, M. & Dalmann, E. (2011). Educação Expressiva – de aluno ao expressante. In M. Ferraz (org.). *Educação Expressiva: um novo paradigma educativo* (pp. 43-56). Venda do Pinheiro: Tuttirév Editorial.
- Martins, J.M. (2013). Explorar o ensino das expressões nas práticas educativas em educação básica : uma abordagem em contexto do estágio pedagógico. Relatório de Estágio. Ponta Delgada: Universidade dos Açores.
- Ministério da Educação (2004). *Organização Curricular e Programas do 1.º Ciclo*. Lisboa: Direcção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular.
- Ministério da Educação (2016). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Ministério da Educação/Direcção-Geral da Educação (DGE).
- Morgado, J. (2001). *A Relação Pedagógica: Diferenciação e Inclusão*. Lisboa: Editorial Presença.
- Pombo, O. (1994). Problemas e perspectivas da interdisciplinaridade. *Revista de Educação*, IV, 3-11.
- Seara, A. & Silva, S. (2009). O contributo das terapias expressivas integradas no desenvolvimento de competências interculturais na infância. In M. Ferraz (org.). *Terapias Expressivas Integradas* (pp. 141-160). Venda do Pinheiro: Tuttirév Editorial.
- Sousa, A. (2003). *Educação pela Arte e Artes na Educação*. 1.º Vol. Lisboa: Instituto Piaget.
- UNESCO (2006). *Roteiro da Educação Artística*. Disponível em <https://crispasuper.files.wordpress.com/2012/06/roteiro2.pdf>
- Vieira, H. (2005). *A comunicação na sala de aula*. Lisboa: Editorial Presença.
- Vieira, R. M., & Vieira, C. (2005). *Estratégias de ensino/aprendizagem*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Zabalza, M. (1992). *Didáctica da Educação Infantil*. Edições ASA.
- Zabalza, M. (1994). *Planificação e Desenvolvimento Curricular na Escola*. Rio Tinto: Edições Asa.

Legislação:

Lei-Quadro n.º 49/2005 de 30 de agosto

Lei-Quadro n.º 5/97 de 10 de fevereiro